

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal
www.gihmedieval.com

Incipit 6

Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

COORDENADORES

André Silva

CITCEM – Universidade do Porto

CIDEHUS – Universidade de Évora

Carlos Teixeira

CITCEM – Universidade do Porto

João Martins Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Leandro Ferreira

CEPESE – Universidade do Porto

Mariana Leite

Instituto de Filosofia – Universidade do Porto

Porto, 2018

Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

ISBN: 978-989-54104-2-2

Apoio:

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

F

Instituto de Filosofia



U. PORTO

**AEFLUP**

Ficha técnica

Título: Incipit 6. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2017

Coordenadores: André Silva, Carlos Teixeira, João Martins Ferreira, Leandro Ferreira, Mariana Leite

Editor: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Biblioteca Digital

Local de edição: Porto

Ano de edição: 2018

ISBN: 978-989-54104-2-2

Capa: Flávio Miranda

Composição e paginação: André Silva

Grupo Informal de História Medieval
Universidade do Porto, Faculdade de Letras
Via Panorâmica 4150-564 Porto Portugal

www.gihmedieval.com

Um Guia de Arquitectura Civil Medieval na Cidade do Porto

*Silvana R. Vieira de Sousa*¹
Universidade de Évora

Resumo

O presente trabalho desenvolve-se no âmbito de um estágio curricular do Mestrado em História da Arte Portuguesa da FLUP, que decorreu na Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto (DMMPC-CMP). O objectivo principal, resultante de um processo de pesquisa sobre arquitectura civil medieval na cidade do Porto, pautou-se pela produção de um guia sobre o tema. Opta-se, assim, por três momentos de pesquisa distintos, mas que se completam: fundamentação teórica com recurso a estudos prévios, cartografia e recolha fotográfica *in loco* dos exemplos da tipologia e cronologia estudada, e a transmissão de todo o conhecimento teórico através de um guia, tendo em conta públicos-alvo e as diversas formas de comunicar património.

Palavras-chave:

Arquitectura Civil, Medieval, Guia, Porto

Abstract

The present work was developed within the scope of a curricular internship of the Master's Degree in Portuguese Art History of FLUP, which took place in the Municipal Division of Museums and Cultural Heritage of the Porto City Council. The main objective, resulting from a research process on medieval civil architecture in the city of Porto, was orientated towards the production of a guide on the theme. Therefore three different yet complementary research moments were chosen: theoretical basis using previous studies, cartography and *in situ* photographic collection of the examples of the typology and chronology studied, and the transmission of all theoretical knowledge through a guide, considering target audiences and the various ways of communicating heritage.

Keywords:

Civil Architecture, Medieval, Guide, Porto

TEMA, OBJECTIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

O projecto que se apresenta desenvolveu-se no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo sido orientado cientificamente pela Professora Doutora Lúcia Rosas, e desenvolvido na instituição de acolhimento (DMMPC-CMP) sob a orientação da Dra. Isabel Osório. O mesmo resulta da vontade pessoal de querer aprofundar e sistematizar o conhecimento sobre a arquitectura civil medieval no seu todo, e em particular, dos seus contornos e exemplos no Porto, estudando para isso espaços de habitação, de administração e elementos remanescentes que se podem encontrar actualmente em várias zonas da cidade. Assumiu-se também como uma prioridade conseguir transmitir esse conhecimento e actualizar a relação que o público (em primeiro plano a comunidade local, e num segundo a nacional) tem com o património medieval civil da sua cidade, propondo-se, para isso, a criação de um guia.

¹ Mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e doutoranda em História da Arte na Universidade de Évora, com uma bolsa do programa doutoral HERITAS – Estudos de Património.

Delineados os dois grandes objectivos deste projecto, seguiu-se a delimitação cronológica e geográfica. A primeira fez-se trabalhando, ou seja, apenas no fim da recolha de todos os exemplos de arquitectura civil na cidade se conseguiu perceber quais os séculos mais representativos, sendo estes os séculos XIV e XV. A segunda delimitação, a geográfica, fez-se pelos próprios limites do actual centro histórico do Porto (Fig.1), salvo uma excepção, a torre medieval do Palácio dos Terenas, que além da sua localização é também excepção pela sua tipologia, já que esta se insere em contexto rural medieval e não urbano. Esta relação da construção medieval em contexto urbano *vs* contexto rural, é, por si só, um aspecto muito importante de toda a temática relacionada com arquitectura civil medieval, e em particular, da pesquisa desenvolvida para este trabalho, porque, como refere Mário Jorge Barroca¹, em contexto urbano uma casa-torre, por exemplo, não é sinónimo de casa senhorial, como acontece frequentemente no espaço rural (Fig.3). Sendo o Porto o palco desta pesquisa, mais força dá a esta afirmação, quer pela interdição da residência ou permanência prolongada de nobres na cidade², quer pela variedade de construções de burgueses e eclesiásticos, e não de nobres.

ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Villard de Honnecourt, *mestre* francês do século XIII, oferece algumas bases para a compreensão da construção medieval aplicada a grandes edifícios como catedrais com os seus variados textos e desenhos sobre o tema, cujas páginas que chegaram até hoje se encontram guardadas na Biblioteca Nacional de França. Numa compilação de textos e ilustrações de Honnecourt, feita por Roland Bechmann nos anos 90³, é possível observar materiais, instrumentos, técnicas e fórmulas de construção que seriam directrizes básicas para os homens da construção de então. Partindo desta informação e olhando para os autores portugueses, estes vão também, ainda que um pouco timidamente, desbravando caminho nestes assuntos.

Oliveira Marques, no seu artigo *Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa*⁴, lança as bases para a compreensão dos aspectos gerais da cidade medieval do Ocidente Europeu, elencando ao longo das suas vinte páginas as principais diferenças entre as cidades do norte e do sul, desenvolvendo a sua pesquisa sobre a organização urbana destas, dos equipamentos e edifícios dinamizadores da vida cidadina medieval, dos materiais utilizados, e das áreas que estas ocupariam. O mesmo autor escreve também um capítulo sobre “A Casa”⁵, numa obra dedicada a assuntos da sociedade medieval portuguesa que nos oferece uma visão geral dos aspectos desta temática nas suas diversas tipologias: palácios, solares, habitação nobre e habitação corrente, referindo alguns exemplos específicos como o Paço de Sintra ou o de Évora.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida fala-nos de generalidades da arquitectura civil medieval portuguesa dos séculos XII e XIII associada a pontes e equipamentos de uso corrente como cisternas, fontes ou paços do concelho, mas alerta desde logo para a escassez de estudos sobre a temática que existia à data, e a necessidade de investigação

¹ Mário Jorge Barroca, “Torres, Casas-Torres ou Casas-Fortes: a concepção do espaço de habitação da pequena e média nobreza na Baixa Idade Média (sécs. XII-XV)”, *Revista de História das Ideias* 19 (1998): 57.

² Apenas a partir de 1502, no reinado de D. Manuel, parece surgir uma “janela de oportunidade” que permitirá à nobreza construir casas e residir no Porto.

³ Bechmann Roland, *Villard de Honnecourt: la pensée technique au XIIIe siècle et sa communication*. (Paris: Picard, 1991).

⁴ A. H. de Oliveira Marques, “Introdução à História da Cidade Medieval Portuguesa”, *Bracara Augusta, Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*. vol. XXXV, Nº 79-80 (92-93) (Janeiro – Dezembro de 1981): 367-387.

⁵ A. H. de Oliveira Marques, “A Casa” in *Sociedade Medieval Portuguesa. Aspectos da vida quotidiana*. 6ª edição, 89-113 (Lisboa: A Esfera do Livros, 2010).

arqueológica sobre a mesma¹. Durante a Baixa Idade Média, a construção civil é caracterizada pelo uso de materiais bastante perecíveis, como a madeira, deixando a pedra para construções ditas de prestígio, referindo ainda a casa medieval como um espaço exíguo onde se multiplicam andares ou sobrados, constituindo o lote medieval comprido e estreito (Fig.4), muitas vezes com espaço para a loja (local de comércio) no rés-do-chão da casa e com quintais nas traseiras para criação de animais e produção de alguns vegetais².

Os trabalhos coordenados por Arnaldo de Sousa Melo e Maria do Carmo Ribeiro³ ajudam também a levantar o véu sobre as questões do trabalho na construção do período medieval, em contexto urbano, relativamente às cidades de Porto e Braga, em especial no que respeita materiais, técnicas e figuras envolvidas. Sobre Guimarães, Maria da Conceição Falcão Ferreira faz um estudo bastante profundo e completo⁴ da cidade, abrangendo as mais diversas questões sobre o surgimento, estabelecimento e quotidiano de uma urbe medieval, referindo aspectos construtivos das arquiteturas civis medievais do espaço em questão, como os Paços do Concelho ou a Casa da Audiência. Também a dissertação de mestrado de Ângela Carina Areias da Silva⁵ nos fornece uma perspectiva sobre propriedade, mercado imobiliário e a casa corrente do período medieval para a mesma localidade. Ainda sobre o estudo da casa corrente e do espaço urbano medieval noutras localidades que não o Porto, merecem referência o trabalho de, mais uma vez, Maria da Conceição Falcão Ferreira para Santarém⁶, o de Luísa Trindade para Coimbra⁷, o de Amélia Aguiar Andrade para Ponte de Lima⁸, o de Rita Costa Gomes para a Guarda⁹, e o de Maria Ângela Rocha Beirante para Évora¹⁰. Os vários trabalhos de Sílvio Conde sobre a casa medieval¹¹, embora mais direccionados para o centro e sul de Portugal, mostram-nos aspectos importantes sobre a casa urbana *versus* casa rural, sobre a própria construção em geral, mas também sobre organização do espaço interno e ainda sobre termos e expressões construtivas, que, a par dos vários trabalhos na área do urbanismo e sociedade medieval de Iria Gonçalves, nos fornecem as bases para compreensão destes assuntos.

¹ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *História da Arte em Portugal. O Românico* (Lisboa: Editorial Presença, 2001), 150.

² Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Jorge Barroca, *História da Arte em Portugal. O Gótico*. (Lisboa: Editorial Presença, 2002), 86.

³ Os autores referidos apresentam vários artigos na área da história da construção medieval, dos construtores e dos materiais, compilados nos livros “História da Construção” editados pelo CITCEM e LAMOP no ano de 2012.

⁴ Maria da Conceição Falcão Ferreira, *Guimarães: duas vilas, um só povo. Estudo de história urbana (1250-1389)* (Braga: CITCEM, Universidade do Minho - ICS, 2010).

⁵ Ângela Carina Areias da Silva, *Entre Propriedades e Casas Perfeitas: Um estudo da casa corrente na Guimarães dos finais da Idade Média* (Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011).

⁶ Maria da Conceição Falcão Ferreira, “Construção corrente em Santarém, no século XV: Alguns exemplos” in *Estudos em homenagem a João Francisco Marques* / coord. Luís A. de Oliveira Ramos, Jorge Martins Ribeiro, Amélia Polónia, 459-473 (Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001).

⁷ Luísa Trindade, *A casa corrente em Coimbra dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*. (Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, 2002).

⁸ Amélia Aguiar Andrade, *Um espaço urbano medieval: Ponte de Lima*. (Lisboa: Livros Horizonte, 1990).

⁹ Rita Costa Gomes, “A Guarda Medieval. Posição, Morfologia e Sociedade (1200-1500)”, *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, nº 9-10 (1987).

¹⁰ Maria Ângela Rocha Beirante, *Évora na Idade Média*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995).

¹¹ Neste trabalho o autor compila vários textos anteriormente escritos e fornece uma lista de bibliografia e fontes actualizada para os interessados no tema: Manuel Sílvio Alves Conde, *Construir, Habitar: A Casa Medieval*. (Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», 2011).

Sobre o Porto medieval, em contexto histórico-artístico, arqueológico e de planeamento urbano, encontramos as dissertações de mestrado de Daniel Braz Afonso¹, Maria Isabel Osório² e de Helena Regina Lopes Teixeira³ (que além de traçar a evolução urbana da cidade dos séculos XII a XVI, oferece ainda um índice de propriedades do clero, do concelho e de privados, relativo ao século XV), que se juntam a estudos de história local dos anos 40 e 80, respectivamente, de Magalhães Basto⁴ e de José Marques⁵. Os trabalhos de Manuel Luís Real tornam-se também indispensáveis para o entendimento da cidade do Porto, quer pela leitura da sua evolução histórico-urbana, quer pela apresentação e divulgação de resultados dos vários trabalhos arqueológicos que foram feitos na cidade e dos quais este autor foi responsável, bem como os de Ernesto Veiga de Oliveira⁶, que oferecem uma visão geral das casas da cidade do Porto e dos materiais empregues nas suas construções, fazendo a ligação entre o passado e o presente. A revista *O Tripeiro* reveste-se aqui também de extrema importância, já que, em vários dos seus números desde a sua fundação em 1908, apresenta pequenos artigos sobre arquitecturas da cidade do Porto que nos ajudam a entender a evolução da malha urbana da cidade, além de se conseguir aceder, em números específicos⁷, a desenhos e esboços de reconstruções hipotéticas do período medieval, realizados por profissionais⁸, de casas e praças que são objecto de estudo no nosso trabalho, nomeadamente de casas-torre na rua dos Mercadores, da Torre da Marca, Torre de Pedro Sem, e Praça da Ribeira. O *dossier* de candidatura da cidade do Porto, relativo à sua classificação pela UNESCO como Património da Humanidade⁹, revelou-se também uma consulta importante por, além de elencar os vários exemplos de património da cidade (da sua origem aos dias de hoje), apresentar pequenas “biografias” de edifícios e arruamentos em estudo no presente trabalho, introduzindo também uma outra noção que a nós muito interessa, a de comunicação patrimonial. Para a Rua Nova, numa visão mais direccionada para o estudo de propriedade, encontra-se o trabalho de Luís Miguel Duarte e Luís Carlos

¹ Daniel Braz Afonso, *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521* (Porto: Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012).

² Maria Isabel de Noronha Azaredo Pinto Osório, *Cidade, plano e território. Urbanização do plano intra-muros do Porto (séculos XIII- 1ª metade XIV)* (Porto: Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. I e II, 1994).

³ Helena Lopes Teixeira, *Porto, 1114-1518. A construção da cidade medieval* (Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010).

⁴ A. De Magalhães Basto, “O Pôrto Medieval (ensaio topográfico)” in *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História Medieval (II Congresso)*, (Lisboa: Congresso do Mundo Português Publicações, II volume. Secção de Congressos, 1940).

⁵ José Marques, “Património Régio na Cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV. Subsídios para o seu estudo”, Porto: Faculdade de Letras. *Separata da Revista de História*, (vol.III, 1982): 73-97

⁶ Ernesto Veiga de Oliveira, “Sistemas de construção com madeira e materiais leves. Um tipo de Fachwerk em Portugal”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*. Vol. XVIII, fasc. 3-4 (Nova série da Sociedade e do Centro) (1961-62): 347-353; Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, “Casas do Porto”, *Douro Litoral, Boletim da Comissão de Etnografia e História*, 8ª série, VII-VIII. (1958): 637-687.

⁷ Referimo-nos aos seguintes: *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº6 (Junho de 2016); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº 7 (Julho de 2016); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXIV, nº4 (Abril de 2015); *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXIII, nº12 (Dezembro de 2014). Um índice detalhado de todos os números entre 2014 e 2017 pode ser encontrado aqui: <http://www.cciporto.com/publicacoes/o-tripeiro> [consultado em 11-04-2017]

⁸ Como os vários desenhos do Arquitecto Luís Aguiar Branco.

⁹ Rui Ramos Loza e Manuel Luís Real, *Porto a Património Mundial. Processo de candidatura da Cidade do Porto à classificação pela UNESCO como Património da Humanidade*. (Porto: Câmara Municipal do Porto, 1993).

Amaral, com a análise à Finta de 1438¹ e a dissertação de mestrado de Maria Helena Pizarro Santos Paula², que conta com um inventário de aforamentos de cerca de 40 casas nessa mesma rua. Sobre uma outra rua, a Rua das Flores, e numa abordagem mais alargada do espaço urbano do Porto quinhentista, encontramos os trabalhos de José Ferrão Afonso³, que nos ajudam a assumir uma certa tolerância cronológica na nossa própria pesquisa.

ESTRUTURA DO PROJECTO/ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

A estrutura do relatório final divide-se em quatro capítulos principais. O 1º é referente a questões introdutórias, contando com a explicação da metodologia, fontes e problemáticas, bem como com a caracterização do estágio realizado na instituição de acolhimento e da forma como este se revelou um meio importante para atingir os objectivos propostos. O 2º passou por realizar um Estado da Arte sobre o nosso tema de projecto e também por apresentar um breve contexto geral da arquitectura civil medieval portuguesa, cruzando o exemplo do Porto com o de outras cidades de relevo no panorama medievo português como Braga, Guimarães ou Évora, tentando traçar uma visão geral da evolução urbana da cidade medieval portuguesa (consciente de que cada caso é um caso) e como esta se constrói. Este capítulo debruça-se também sobre as variadas questões relacionadas com os edifícios públicos (por exemplo os Paços de Concelho) e os de habitação – existem pontos comuns entre os exemplos de várias urbes? Quais as principais diferenças destes tipos de construções entre o espaço rural e o urbano? Quem são as principais figuras envolvidas na construção dos grandes edifícios que marcam a paisagem urbana medieval e dos que, não marcando essa mesma paisagem, a compõem? O 3º capítulo apresenta-se como o “núcleo duro” de todo o trabalho, contendo os exemplares de arquitectura civil medieval na cidade do Porto recolhidos, aprofundando o seu estudo, caracterização e sistematização, sendo este o principal capítulo que dará forma e conteúdo ao produto final. Tenta-se elencar aqui os vários objectos de pesquisa, atendendo, entre outros aspectos, à sua localização (arruamento), tipologia (habitacional ou administrativa), estado de conservação e acesso ao público. O 4º e último capítulo recai sobre a questão de transmissão do conhecimento e de comunicação patrimonial, sendo este o espaço para explanar, passo-a-passo, a criação do guia. Neste último capítulo, referem-se também aspectos importantes da comunicação patrimonial nos dias de hoje, a sua evolução e de que forma este produto final poderá ser útil na área da educação patrimonial.

Em Apêndice, são apresentadas ainda três tabelas de trabalho criadas ao longo da investigação, com a recolha de dados *in loco* e na instituição de acolhimento. A primeira surge como um breve apanhado dos termos construtivos de arquitectura medieval que poderão ajudar a entender melhor a linguagem utilizada ao longo do trabalho escrito. Na segunda, elencam-se os vários objectos de estudo após contacto directo com estes e as notas daí retiradas no imediato. A terceira refere os relatórios de

¹ Luís Carlos Amaral e Luís Miguel Duarte, “Os homens que pagaram a Rua Nova (Fiscalidade, Sociedade e Ordenamento Territorial do Porto Quatrocentista)”, *Revista de História*, Vol. 6 (1985): 7-96.

² M^a Helena Pizarro Paula Santos, *A Rua Nova do Porto (1395-1520): Sociedade, Construção e Urbanismo*. (Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010).

³ José Ferrão Afonso, *A Rua das Flores no Século XVI - Elementos Para a História Urbana do Porto Quinhentista* (Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004); José Ferrão Afonso, *A Imagem Tem que Saltar: a Igreja e o Porto no Século XVI, 1499-1606. Um estudo de história urbana*, (Dissertação de doutoramento em arquitectura, apresentada à Universidade Politécnica de Catalunya. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2013).

escavação acedidos através da DMMPC-CMP que contém informação pertinente para a investigação do tema.

Quanto aos exemplos estudados, procurou-se organizá-los neste trabalho tal como estão distribuídos actualmente na cidade, optando-se assim por os dividir em três grandes zonas, subdividindo-os de seguida por arruamento: zona da Sé, zona Ribeirinha, e outras localizações, como o exemplo da Torre de Pedro Sem/do Palácio dos Terenas ou as casas na Rua de S. Bento da Vitória. Isto vai ao encontro da identificação de quatro pontos fulcrais da vida da cidade medieval do Porto (Fig.5), referidos por Isabel Osório¹, sendo eles: o Morro da Pena Ventosa, a zona de Cimo de Vila (encosta junto à estrada que ligava a cidade a Penafiel), a Rua do Souto que fazia a ligação entre os dois núcleos da cidade (Sé e Ribeira) e que foi cortada em duas (Souto e Caldeireiros) aquando da abertura da Rua das Flores em 1522, e a própria Ribeira, devido à sua função mercantil. Em relação a arruamentos por onde se fez a busca e se encontraram elementos de estudo para este projecto, apresentam-se os seguintes: Rua de D. Hugo (Fig.6), (antiga Rua do “Remoinho” e Rua de Trás da Sé), Calçada de Pedro Pitões, Rua de S. Sebastião (antigas Ruas da Sapataria e das Tendas), Rua da Pena Ventosa (antiga Rua dos Palhais), Rua de Santana (antiga Rua das Aldas), Beco dos Redemoinhos, Rua Escura (antiga Rua Nova), Rua dos Pelames, Rua do Souto, Rua dos Caldeireiros, Rua de S. Bento da Vitória, Rua da Bainharia (antiga Rua dos Ferrais), Rua dos Mercadores, Rua da Fonte Taurina (antiga Rua da Fonte Aurina), Rua da Lada, Rua da Reboleira, Rua de Baixo, Rua de Belomonte (antiga Calçada de S. Domingos), Rua da Alfândega, Rua Chã (antiga Rua das Eiras), Beco do Forno Velho, Rua do Infante D. Henrique (antiga Rua Nova/Formosa), Escadas do Recanto, e Rua da Boa Nova.

METODOLOGIA, FONTES E PROBLEMÁTICA

Metodologicamente, a pesquisa feita para alcançar o resultado final dividiu-se em três momentos distintos (Quadro 1). O primeiro passou, naturalmente, pela fundamentação teórica, procurando entender e conhecer o que se produziu sobre a temática geral da arquitectura civil em Portugal, passando depois para os estudos sobre construção, propriedade e urbanismo medieval na cidade do Porto e nas de maior proximidade geográfica, como Braga e Guimarães. Foi igualmente importante auscultar algumas fontes com informação pertinente para o tema do trabalho, como as Actas de Vereação e os livros 3 e 4 do “Além Douro” da *Leitura Nova*², acessíveis na plataforma digital do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Também na plataforma digital *Portal do Arqueólogo* encontrámos numa breve pesquisa (filtrando a mesma através do período cronológico da Idade Média, Alta Idade Média, Medieval Cristão³, e pelo concelho do Porto), alguma informação sobre relatórios de escavações aprovadas e realizadas nas freguesias correspondentes ao actual centro histórico da cidade (Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória), servindo de apoio para alguns edificadros e estruturas dos quais o nosso trabalho trata. De referir, ainda, o trabalho de Alberto Aires de Gouveia⁴, o conhecido Gouveia Portuense, pintor nascido no Porto em 1867, e que nos deixou várias obras onde pinta aspectos (paisagens, vistas, entre outros) da

¹ Osório, *Cidade, plano e território*, 103 a 128.

² José Marques, no seu artigo na *Revista de História*, “Património Régio na Cidade do Porto e seu termo nos finais do século XV. Subsídios para o seu estudo”, enumera em específico quais os fólios dos livros 3 e 4 do “Além Douro” com dados relevantes sobre o tema. Refere-se aspectos construtivos de casas, a sua localização, entre outras informações pertinentes.

³ *Portal do Arqueólogo* – DGPC, pesquisa de sítios arqueológicos, disponível em: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios> (consultado em 22-02-2017)

⁴ Para mais informação sobre a identidade deste pintor, consultar a página do artista em [matriznet.dgpc.pt](http://www.matriznet.dgpc.pt): <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Entidades/EntidadesConsultar.aspx?IdReg=68212>

cidade do Porto como os via na altura da sua execução, e que, por isso, se apresentam como fontes pertinentes para este trabalho. Os desenhos e pinturas deste artista, bem como fotografias, gravuras, pedidos de licenças de obras e plantas da cidade, encontram-se organizados e digitalizados na página do Arquivo Municipal do Porto (www.gisaweb.cm-porto.pt) e, como tal, este revelou-se mais um portal virtual de consulta indispensável.

O segundo momento pautou-se pelo trabalho *in loco*, ou seja, pela recolha fotográfica, cartográfica e ilustrada dos vários objectos de estudo, organizando-os em tabelas de trabalho, posteriormente tratadas no Capítulo III. Neste segundo momento, tornou-se necessário um estudo breve, mas sistemático, dos vários arruamentos (nomeadamente para perceber as mudanças de toponímia¹) que compunham a cidade do Porto medieval, mas não só, sendo para isso necessário o recurso a plantas da cidade, gravuras e ilustrações, que permitiram traçar a evolução da malha urbana desde a Idade Média.

O terceiro momento trata a questão da comunicação patrimonial, sendo que, para um resultado satisfatório, foi necessária a escolha de um público-alvo, bem como de um formato. O tema em si, arquitectura civil medieval na cidade do Porto, apresenta uma especificidade própria e que apenas se revelará interessante para um público minimamente sensibilizado e envolvido nestas questões, deixando margem de manobra para uma linguagem mais técnica sem deixar de ser compreensível. No entanto, o nosso público-alvo foi, desde o primeiro momento, a comunidade local, de forma a proporcionar-lhe uma visão actual dos elementos de interesse histórico e cultural que se encontram, muitas vezes, dentro das suas próprias casas, e que, outras tantas, passa despercebido e é renegado para segundo plano face ao património religioso, por exemplo, da cidade. Assim, há a preocupação de cruzar uma linguagem que poderá ser mais técnica, com uma mais acessível e de fácil entendimento, abrindo a compreensão deste trabalho tanto ao residente portuense, como ao curioso de Ponte de Lima, mas que seja capaz ainda assim, de suscitar interesse ao académico de Lisboa. No que toca ao formato do trabalho final, querendo este ser um produto de divulgação, mas também académico, optou-se pelo guia² e não um roteiro, já que uma parte considerável dos exemplos de arquitectura civil medieval estudados não são de livre acesso, sendo missão deste guia apenas enumerar, catalogar, localizar e tipificar os vários exemplos que o compõem, com a sua construção devidamente explicada no Capítulo IV.

O percurso de pesquisa e escrita deste trabalho levantou sempre várias problemáticas, nomeadamente a justificação cronológica de alguns exemplos presentes no mesmo. Com efeito, apenas dispomos de provas documentais para alguns objectos de estudo – que se encontram mais facilmente para edifícios de comprovada origem medieval como a Antiga Casa da Câmara (Fig.7) ou a Casa do Infante –, sendo que para a maioria das casas e/ou elementos remanescentes isso não acontece. Foi preciso encontrar outra justificação para estes exemplos, e ela passou pela comparação entre edificados que sabemos terem sido construídos no período medieval (questões relacionadas com técnicas, formatos e disposições construtivas), bem como pela lógica da localização – se uma rua tem uma longa e recorrente ocupação medieval, será lógico que guarde em si elementos ou estruturas medievais (isto pode ser também corroborado pela questão do lote medieval, de observação relativamente fácil). É possível também que alguns dos exemplos deste trabalho possam na verdade ser já de uma cronologia mais avançada, entenda-se, do século XVI – por exemplo as casas encontrados na Rua de S. Bento da Vitória (Fig.8) ou mesmo na Rua de Belomonte – no entanto, parece-nos importante referi-los e integrá-los já que, e ainda que não haja certezas quanto à sua cronologia, estes exemplos estarão certamente ligados ao período sobre o qual este

¹ Para isso, muito contribuiu a leitura da seguinte obra: Eugénio Andrea da Cunha Freitas, *Toponímia Portuense*. (Matosinhos: Contemporânea, 1999).

² Tal como se descreve: Livro que contém indicações úteis. "guia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/guia> (consultado em 21-02-2017).

trabalho se dedica, que mais não seja por aprofundarem ou continuarem em parte os métodos construtivos desenvolvidos no período imediatamente anterior.

A questão da toponímia dos arruamentos que contêm exemplos de estudo foi também algo que se revelou preocupante, pois foi necessário compreender as várias mudanças que ocorreram desde o período medieval, para, por um lado, compreender a localização desses mesmos exemplos de estudo, e, por outro, para conseguir comunicar e passar a informação para o guia. Procurou-se assim entender as mudanças e trocas de nomes de ruas da cidade do Porto, bem como catalogar os exemplos tendo em conta o seu N.P.¹, de forma a que a sua localização no terreno fosse mais fácil. Outra questão não impeditiva, mas que acrescentou alguma dificuldade a todo o trabalho de pesquisa, é o acesso aos objectos de estudo. Uma vez mais, isto não se aplica a edifícios de livre acesso ou de domínio público (como os que recebem serviços municipais); contudo, aplica-se a exemplos que estão ao abandono, ou que estão em casas de habitação actual e nas quais apenas poderíamos entrar com autorização do proprietário. Certamente existirão muitos mais exemplos de arquitectura civil e até militar – escavações arqueológicas no quarteirão da Bainharia apontam para lotes/casas que poderão conter parte de muralha românica² – mas que devido à sua localização ou estado de conservação, não são visíveis, pelo menos até à data.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cidade do Porto, sobressaem ainda hoje os lotes estreitos e altos, feitos de pedra e taipa, dentro do espaço do centro histórico da cidade, numa alusão a tempos mais recuados, onde as construções se acumulavam em pequenas parcelas de terreno, situação que se viria a modificar com maior notoriedade a partir de Quinhentos, quando se preferem espaços mais generosos em largura – muitas das vezes conseguidos através da junção de dois lotes contíguos e de uma nova e uniformizadora fachada. Mais ainda, e embora muitas das fachadas, andares e disposições arquitectónicas dos edifícios actuais correspondam a cronologias mais avançadas do que a medieval (séculos XVII, XVIII e XIX), certo é que muitas delas reaproveitam bases e estruturas prévias, e mesmo quando não são as estruturas que sobrevivem, é o lote, a delimitação de terreno, que serve de base para um outro edifício. Se existe material em boas condições e solidez para arcar com uma nova construção, há que o reaproveitar e não destruir, levando isto a uma outra questão que vale a pena referir: os edifícios e elementos remanescentes que surgem como exemplos de estudo no nosso trabalho são, todos eles, construídos em material pétreo. Há portanto uma outra faceta, a da construção em materiais mais perecíveis como a madeira, que nos escapa, não podendo este ser um retrato da arquitectura civil medieval portuense por inteiro, mas apenas de uma parte dela. São estas e outras questões que nos importa estudar e analisar nos nossos exemplos, entendendo também, quando possível, como estes edifícios e/ou estruturas se adaptaram à contemporaneidade, seja pela sua utilização actual, seja pelas remodelações e intervenções que foram recebendo ao longo do tempo.

¹ “Traduz-se na indicação dos números de polícia, isto é, o que identifica as casas num determinado espaço público. Esta numeração abrange os vãos de portas, portões ou cancelas legais que confinam com a via pública e que dêem acesso a prédios urbanos ou respectivos logradouros. Esta atribuição é da exclusiva competência da Câmara Municipal.” Definição disponível em: http://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/empresas/guiatematico/info_geo/tpnm/num_pol/attr_n_pol/Paginas/actividade.aspx (Consultado em 14-03-2017).

² Entre outros, tivemos acesso através da instituição de acolhimento, ao *Relatório de Progresso: Quarteirão da Bainharia, Sé. BAI.09. Porto-2009, Arqueologia e Património*, que confirma a existência de troços de muralha primitiva no interior de parcelas de terreno desta zona.

Assim, o processo criativo do produto final guiou-se ele próprio por três questões/directrizes gerais, a saber:

1. Escolha do público-alvo e adaptação do discurso ao mesmo;
2. Relação da comunidade com o património que nos propomos a estudar – património nem sempre visível, não “imediato” e não necessariamente turístico;
3. Contributo do produto – como uma forma de educação e sensibilização patrimonial para a comunidade (e num segundo plano, para quem não pertence a esta, mas a visita), e como um registo organizado dos vários exemplos.

No entanto, parece-nos importante, mais uma vez, aludir à ligação entre comunidade local e património, sensibilizando a primeira para o segundo. Como o mundo virtual é também, e cada vez mais, terreno de divulgação de informação que se quer séria e eficaz, optámos por, além das 38 fichas de inventário (baseadas no KIT DO PATRIMÓNIO 0.1.) que formam o guia em si (Fig.9), criar também um catálogo *online* com esses mesmos exemplos (Fig.10), com informação mais concentrada, mas não perdendo as linhas gerais que orientam e definem o trabalho escrito. Pretende-se assim produzir e transmitir conhecimento, dando o nosso contributo em três frentes:

- a) Relatório de projecto – trabalho mais descritivo, exaustivo e metodológico, de teor académico;
- b) Fichas de inventário – trabalho com uma abordagem mais técnica e resumida, de compreensão fácil, mas que exige algum grau de conhecimento prévio na matéria, de teor de divulgação mas com fundamentação académica;
- c) Catálogo *online* – trabalho numa plataforma virtual por forma a chegar a mais público, com informação mais concentrada e menos descritiva, de teor de divulgação.

A arquitectura que observamos hoje, como forma de arte que se pratica, ocupa e vive, será sempre uma forma de olhar para o passado. O caso da cidade do Porto não é diferente, e aqui a memória do período em que a identidade do burgo portugalense se define é ainda bastante notória, e também parte fundamental na manutenção do carácter de uma urbe em permanente mutação. O risco, calculado, que se corre ao enumerar os trinta e oito exemplos de estudo de arquitectura civil medieval no Porto reafirma isso mesmo, e reforça a ideia da permanência da construção medieval, da sua transformação, e da sua adaptação a espaços de cronologias posteriores. Este trabalho não se esgota no lote de exemplos aqui apontado. O número de existências semelhantes será muito superior, persistindo muitos deles ocultos aos olhos de especialistas, habitantes e visitantes.

Vivemos num um período particularmente interessante: a renovação massiva que o coração do Porto está a atravessar representa, em simultâneo, uma oportunidade e uma ameaça. Dezenas de vestígios são expostos diariamente, mas o risco de destruição, provocada pelo desconhecimento, pelo risco que uma descoberta pode representar para o prosseguimento de uma obra ou pela pressão especulativa que recai sobre uma cidade perigosamente dependente de um crescente movimento turístico, é cada vez mais sensível. E é aqui, também, que reside a necessidade de um levantamento como o que foi feito. Registrar, interpretar e divulgar: caminhos fundamentais no estudo e identificação dos elementos materiais da memória urbana e, não menos relevante, na disponibilização dessa memória àqueles que a mantêm viva, com ou sem consciência de o fazerem – os portuenses. Será legítimo aspirar a “educar” um habitante de uma cidade sobre o local onde nasceu, cresceu e viveu? Poderá ser interpretado como um acto de arrogância académica a oferta de uma nova visão sobre uma identidade que mantêm viva e pulsante? É mais um risco deste projecto, e não está isento de crítica.

Este será apenas um primeiro passo para um maior entendimento da cidade medieval, em concreto dos espaços de habitação e de administração da cidade do Porto, ainda que num registo algo limitado pelos próprios vestígios que nos chegam, havendo outras facetas que permanecem desconhecidas, simplesmente porque não perduraram

no tempo. Este trabalho não é, nem pode ser, um registo total no que à arquitectura civil medieval da cidade diz respeito, mas sim uma janela para os assuntos já referidos desse mesmo período. “O caminho faz-se caminhando”, e este projecto representa apenas o início da jornada.

ANEXOS

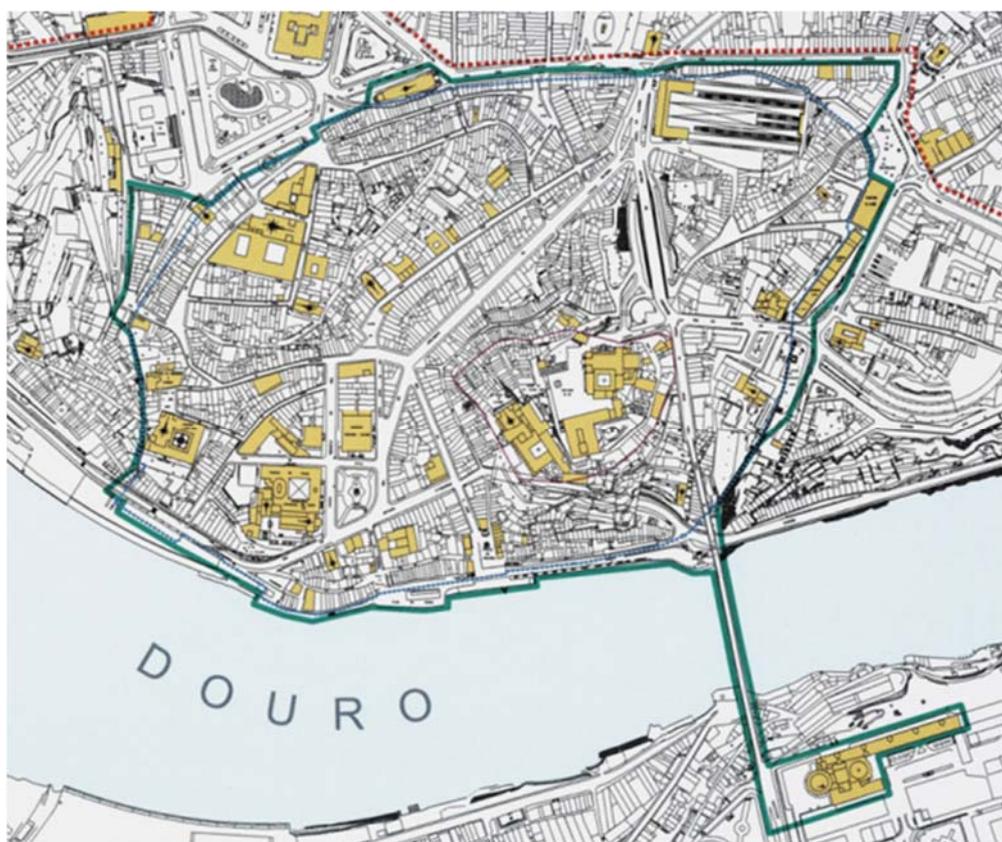


Fig.1 Centro Histórico do Porto – Planta da área classificada. Património Mundial (verde), Área de protecção - vista parcial (vermelho), e Muralha do século XIV (azul). Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/planta-area-classificada.html>



Fig.2 Vista da cidade do Porto - Pedro Teixeira Albernaz , "La descripción de España y de las costas y puertos de sus reinos 1634". Fonte: http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1258&muda_idioma=PT



Fig.3 *Casa-Torre 156-158 da Rua dos Mercadores, Porto. Reconstituição hipotética séc. XVI.* Imagem retirada d' *O Tripeiro*, 7ª série, ano XXXV, nº7, Julho de 2016. p.215 (Desenho do Arquitecto Luís Bourbon Aguiar Branco). Chama-se a atenção para os lotes esguios e como uma casa-torre em contexto urbano sobressairia no conjunto das casas ditas correntes.

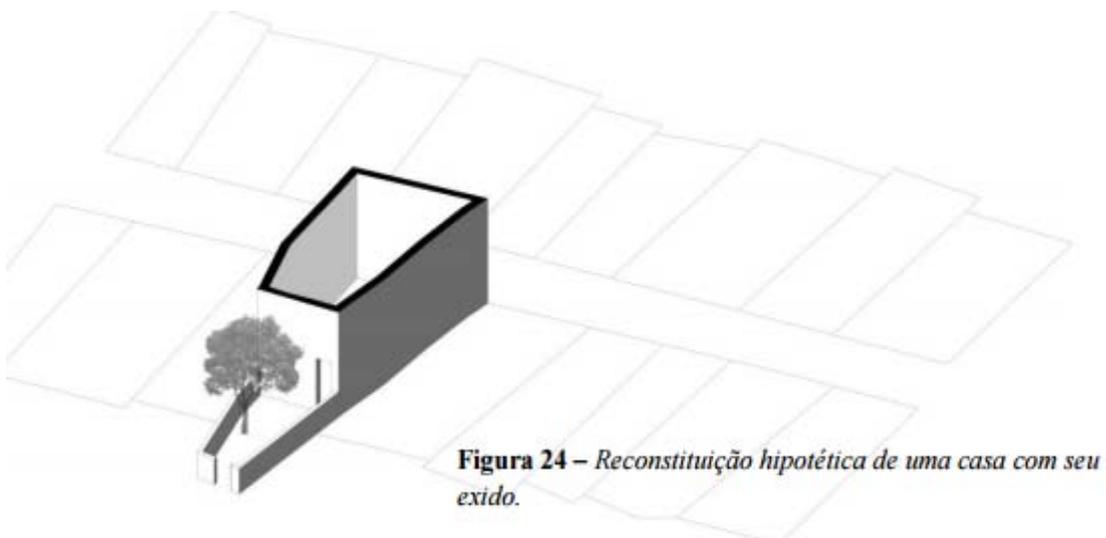


Fig.4 Casa com exido. Imagem retirada do trabalho de Ângela da Silva¹.

¹ Ângela Carina Areias da Silva, *Entre Propriedades e Casas Perfeitas*, 91.

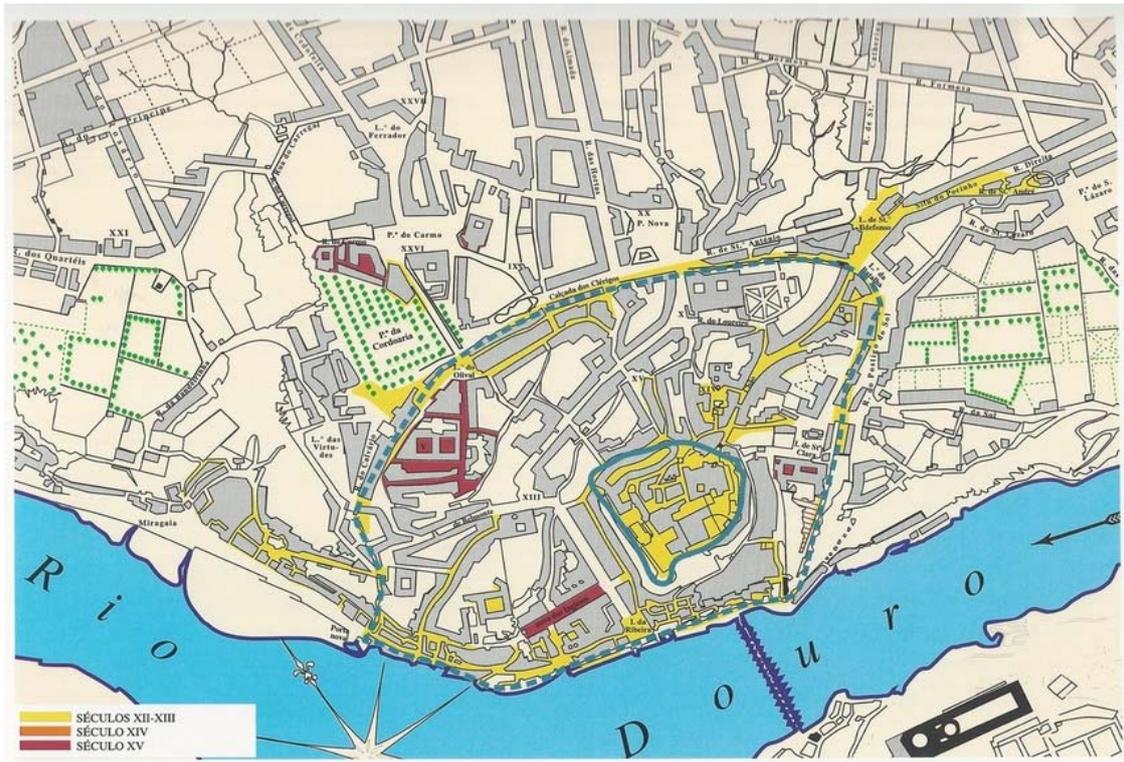


Fig.5 Porto Medieval (dos sécs. XII/XIII ao século XV). Núcleos urbanos da cidade (encontram-se também assinaladas as duas linhas de muralha da cidade). Fonte: <http://www.portopatrimoniomundial.com/a-cidade-medieval.html>

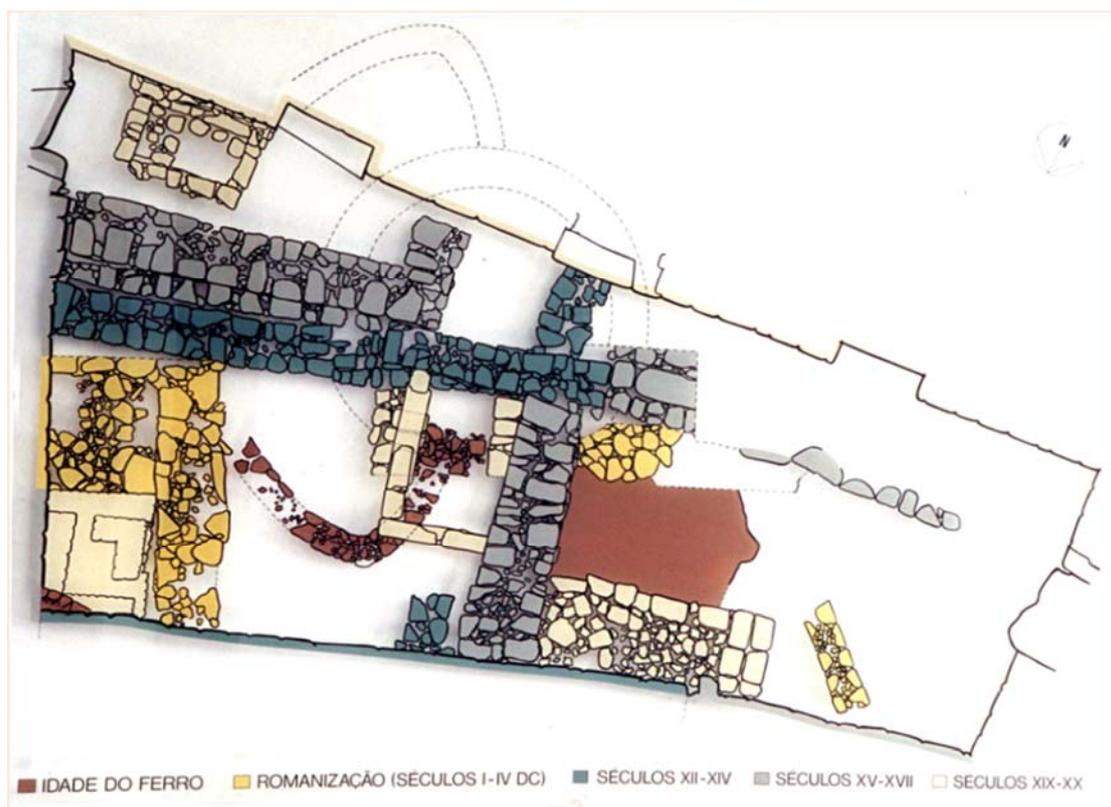


Fig.6 Planta com os vestígios encontrados na Rua de D. Hugo, N°5. Fonte: DMMPC-CMP.

	Out.1 6	Nov.1 6	Dez.1 6	Jan.1 7	Fev.1 7	Mar.1 7	Abr.1 7	Mai.1 7	Jun.1 7
Duração do estágio curricular	-	-	-	-	-	-	-	-	
Estruturação do projecto	-	-	-						
Pesquisa <i>in loco</i>			-	-	-				
Pesquisa bibliográfica			-	-	-	-	-		
Análise de relatórios (trabalhos arqueológicos)					-	-	-		
Redacção do relatório					-	-	-	-	-
Criação do produto final: duas vertentes								-	-

Quadro 1. Organização do trabalho: divisão de tarefas por mês.



Fig.7 Aspecto das ruínas da Antiga Casa da Câmara e dos edifícios que foram demolidos para a reconstrução do Terreiro da Sé, captado da rua de São Sebastião. Fonte: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/334975/?q=rua+de+s.+sebasti%C3%A3o>



Fig.8 Fachada da casa com o N.P. 48-52, Rua de S. Bento da Vitória. Fotografia da autora.

a) Nº Ficha	1
b) Designação	Casa do Beco dos Redemoinhos .
c) Localização	Beco dos Redemoinhos (arruamento imediatamente atrás da Sé).
d) Acesso	Condicionado (beco actualmente fechado)
e) Protecção	Sem informação.
f) Época(s) de construção	Séc. XIV/XV (conjectural).
g) Descrição	Tipologia habitacional; duas misulas de cunho oblíquo que ladeiam o 1º nível da fachada, tendo uma delas pelo menos, representação de face humana; possível fecho de um vão de iluminação ou entrada ao nível do rés-do-chão, do lado direito da fachada; portal de entrada elevado; acrescentos modernos: janela central do 2º nível da fachada e janela que ladeia o portal de entrada.
h) Arquitecto/Construtor	Sem informação.
i) Utilização inicial	Habitacional.
j) Utilização actual	Sem informação.
k) Estado de conservação	Em ruína.
l) Documentação	<i>Livro dos Originais</i> , Cartº Cabido, 1666(8), fl. 35 e <i>Livro dos Prazos</i> , Cartº Cabido, nº511, fl. 144v-145.
m) Observações	-

a) Nº Ficha	2
b) Designação	Casa Nº 5 da Rua de D. Hugo.
c) Localização	Rua de D. Hugo, N.P. 5.
d) Acesso	Livre, mediante marcação (através do email: museuguerajunqueiro@cm-porto.pt)
e) Protecção	Incluída no Centro Histórico da Cidade do Porto e na Zona Histórica da Cidade do Porto.
f) Época(s) de construção	Medieval, Moderna e Contemporânea.
g) Descrição	Tipologia habitacional. Fachada gótica (invertida), que conserva um vão de entrada e um vão de iluminação.
h) Arquitecto/Construtor	Sem informação.
i) Utilização inicial	Habitacional.
j) Utilização actual	Sede de associação (Arqueossítio).
k) Estado de conservação	Bom estado.
l) Documentação	<i>Plantas de Casas</i> , Livro 45, fl. 29-31.
m) Observações	Local de escavações: 20 camadas arqueológicas, com ruínas arquitectónicas e de objectos, desde os séculos IV e III a.C. Comprovação da existência de um castro proto-histórico, de ocupação romana e alti-medieval.

Fig.9 Fichas de inventário Nº 1 e 2 (Casa do Beco dos Redemoinhos e Casa nº5 da Rua de D. Hugo).



Fig.10 Separador de Apresentação do Projecto do catálogo *online*, disponível em: <http://arquitectura-civil-medieval-na-cidade-do-porto-catalogo.webnode.pt>